



Transformações do luteranismo

A questão da identidade litúrgica confessional e sua relevância atual no diálogo entre Alemanha e Brasil¹

Alexander Deeg²

Júlio César Adam³

Resumo: O artigo faz parte de um projeto de pesquisa teuto-brasileiro que questiona se (ainda) é possível falar de uma *identidade litúrgica luterana*. O contexto na Alemanha e no Brasil é diferente: a situação alemã se caracteriza por um secularismo crescente e por exigências explícitas e implícitas de superar o confessionalismo intraprotestante. No Brasil a ideia de ser “luterano” ganha apoio especialmente em contraposição à influência crescente de movimentos evangélicos. Discutindo exemplos históricos e atuais de desdobramentos litúrgicos luteranos, o artigo propõe uma perspectiva que descreve a identidade litúrgica luterana *em* sua dinâmica de transformação e a identifica normativamente *com* uma dinâmica de transformação.

Palavras-chave: Identidade; Confessionalidade Luterana; Transformação; Culto; Liturgia; Brasil; Alemanha

“Existem” (atualmente ainda) identidades confessionais dentro das igrejas evangélicas? Faz (ainda) sentido falar de uma “identidade evangélica luterana” – em contraposição a uma identidade reformada ou unida? Na Alemanha, com essas perguntas se evoca, ao mesmo tempo, a questão político-eclesial do significado e futuro da “Igreja Evangélica Luterana Unificada” (em uma “Igreja Evangélica na Alemanha” que, desde 2015, entende a si mesma como “igreja” na qualidade de “comunhão de suas igrejas” (Grundordnung der EKD, Art. 1 [1] 4) e também por isso nos anos passados se tem refletido constantemente e, em parte, também discutido com veemência sobre identidades confessionais. Isso foi e ainda é, para nós, um ensejo para retomar o tema como questão de pesquisa de teologia prática e, ao fazer isso, relacionar comparativamente as situações do Brasil e da Alemanha. Um projeto conjunto da Universidade de Leipzig e da Faculdades EST em São

¹ Esta contribuição é uma versão levemente modificada do artigo de 2021 publicado com o mesmo título em *Kerygma und Dogma*, v. 67, p. 326-352, 2021.

² Instituto de Teologia Prática, Universidade de Leipzig, Beethovenstr. 25, 04107 Leipzig, alexander.deeg@uni-leipzig.de

³ Professor Adjunto de Teologia Prática, Faculdades EST, São Leopoldo, RS, julio3@est.edu.br.



Leopoldo teve início em 2021. O presente artigo enfoca essa questão e projeta a continuidade do processo de pesquisa.

Protestantismo pós-confessional ou redescoberta do luteranismo?

O 12º Sínodo da Igreja Evangélica na Alemanha [EKD, na sigla em alemão] aprovou, em 9 de novembro de 2020, “Doze diretrizes para o futuro de uma igreja aberta”⁴. Nesse documento, o termo “confessionalidade” só aparece expressamente no contexto da 5ª diretriz, que acentua o necessário fortalecimento da ecumene e aparece, ali, como referência negativa: “Em um mundo globalizado, a ecumene mundial é uma comunhão que supera limites confessionais, culturais e nacionais.” Inversamente, afirma-se que “Promovemos formas novas de trabalho comunitário ecumênico, inclusive comunidades ecumênicas, multiconfessionais.” A fundamentação é, não por último mas não menos importante, de natureza econômica: “Em muitas áreas, iniciativas denominacionais individuais também não são mais financeiramente viáveis.”⁵ As diretrizes esboçam a imagem de uma Igreja Evangélica voltada sobretudo para a convivência ecumênica com a Igreja Católica e outras confissões ou denominações e persegue o alvo de uma “unidade na diversidade reconciliada”⁶. Nesse sentido, ela se caracteriza, como Igreja *Evangélica*, por seu “perfil reformatório”, que não é definido mais precisamente⁷. Em termos conceituais, a confessionalidade aparece, sobre esse pano de fundo, como elemento de contraste: ele representa uma delimitação problemática e ausência de abertura para o mundo, mas em última análise também uma falta de percepção dos desafios eclesiais reais (incluindo a situação financeira).

A 12ª e última diretriz trata da relação entre “a EKD e as igrejas territoriais”. A EKD se vê como “igreja” na comunhão das “igrejas-membro” e como “plataforma comunitária para todos e todas que se incluem na Igreja Evangélica”⁸. Na convivência dos *players* se mencionam então

⁴ Hinaus ins Weite – Kirche auf gutem Grund: Zwölf Leitsätze zur Zukunft einer aufgeschlossenen Kirche, mit Beschluss der zwölften Synode der Evangelischen Kirche in Deutschland auf ihrer siebten Tagung am 9. November 2020. Disponível em: https://www.ekd.de/ekd_de/ds_doc/zwolf_leitsaetze_zukunft_kirche_ES_2021.pdf. Acesso em: 15 maio 2021.

⁵ Ibid., p. 21.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

⁸ Ibid., p. 34.



também – um tanto marginalmente – as “associações das igrejas-membro”⁹. O objetivo seria reforçar os pontos fortes e reduzir a duplicidade de estruturas.

O fato de a EKD ser uma associação de 20 igrejas-membro *de cunho confessional*, que são ou luteranas, ou unidas, ou reformadas, não é mencionado em todo o documento do Grupo de Trabalho e do Sínodo. Em todo caso, o fato de não haver simplesmente “associações das igrejas-membro”, mas que estas também têm identidades confessionalmente definíveis tampouco aparece no documento. O futuro do protestantismo alemão, como propõe o documento, é pós-confessional, genericamente “evangélico”, “reformatório” ou “protestante”.

Em face da crescente secularização, isso parece coerente em muitos sentidos, e questão da identidade confessional parece, para muitas pessoas, uma questão peculiarmente sem sentido ou ao menos retrógrada. No ano de 2021 viviam na Alemanha cerca de 26% de pessoas católicas, 24% de evangélicas, 4% de muçulmanas com vínculo confessional e 42% de pessoas sem confissão religiosa¹⁰. A diferença principal que pode ser percebida claramente é aquela entre “religiosas” e “seculares”. Sobretudo na Alemanha oriental, a pergunta não é: “Você é luterano ou unido ou reformado?”, e sim: “Você é religioso?” (e não raro se acrescenta, em voz alta ou tacitamente: “Você é religioso – ou é normal?”). E caso se chegue a definir a identidade religiosa, então há delimitações para com o islã ou, dentro do cristianismo, entre Igreja Evangélica e Católica. O “luterano” desaparece não só dos textos da EKD, mas também do mapa da percepção pública¹¹.

Levando em conta o direito de pertença à igreja, Michael Domszen propõe uma formulação que também poderia se aplicar de modo bem semelhante à confessionalidade intraprotestante:

As igrejas operam com estruturas e premissas que funcionaram bem no passado, mas atualmente estão chegando com clareza cada vez maior aos seus limites. Elas nos são familiares. Também têm um sentido mais profundo, ou seja, podem ser bem explicadas a partir de uma

⁹ Ibid., p. 35.

¹⁰ Os números se encontram em <https://fowid.de/meldung/religionszugehoerigkeiten-2021>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹¹ Quanto à “cultura da ausência de confessionalidade”, cf. MÜLLER, O.; PICKEL, G.; POLLACK, D. Kirchlichkeit und Religiosität in Ostdeutschland: Muster, Trends, Bestimmungsgründe. In: DOMSGEN, M. (ed.). *Konfessionslos – eine religionspädagogische Herausforderung: Studien am Beispiel Ostdeutschlands*. Leipzig 2005, p. 23-64 (29); e uma contribuição mais recente: DOMSGEN, M. Zwischen einem „Mia san mia“-Gefühl und der Ahnung von der Nacktheit des Kaisers: Irritationen und Perspektiven kirchlicher Arbeit heute. PTh, v. 108, p. 287-311, 2019.



determinada lógica. E, ainda assim, parece que com isso se retrata uma realidade que, no presente, existe cada vez menos e, em algumas regiões, nem existe mais.¹²

O desaparecimento da confessionalidade intraevangélica pode ser vista como triunfo tardio dos esforços de união feitos há 200 anos ou também como consequência necessária da Concórdia de Leuenberg de 1737. Entretanto, dessa maneira esta última seria, em minha opinião, interpretada de modo unilateral e, em minha opinião, errado. A Concórdia construiu pontes dialógicas, possibilitou, após séculos de separação, uma comunhão eclesial entre igrejas luteranas, unidas e reformadas e, assim, uma convivência em todos os aspectos da prática de culto. Entretanto, nesse sentido ela afirma o seguinte: “Qualquer união que venha a pôr em causa a pluralidade viva das formas de pregação, da vida cultural, da ordem eclesial e da atividade diaconal e social, contradiz a essência da comunhão eclesial [entre igrejas luteranas e reformadas] estipulada pela presente declaração.”¹³ Portanto, o objetivo da Concórdia de Leuenberg não é um protestantismo pós-confessional, e sim um cristianismo evangélico deliberadamente multiconfessional, internamente diferenciado e diversificado.

Em face dos argumentos à primeira vista numerosos que parecem depor em favor de uma EKD pós-confessional, aludimos introdutoriamente a dois aspectos que tornam o quadro ao menos mais complexo:

1) Temos aí, por um lado, o retrospecto da “Década da Reforma”. Ela começou, de fato, como “Década de Lutero” – simbolicamente visível, por exemplo, nas 800 esculturas coloridas de Lutero feitas por Otmar Hörl, que se encontravam na praça do mercado em Wittenberg e depois foram enviadas ao mundo inteiro. Mas também o logotipo da Década da Reforma mostrava um retrato estilizado de Lutero associado com a frase “No início era a Palavra”. Logo se colocou a pergunta a respeito de se e como a diversidade do protestantismo pode se tornar visível em face desse foco em Lutero. Nas discussões ficou claro que um olhar nuançado sobre os desdobramentos e lógicas das diversas Reformas não só era historicamente imprescindível, mas também vale a pena para percepções atuais¹⁴. Também os aspectos negativos da Reforma (por exemplo, o antijudaísmo

¹² DOMSGEN, 2019, p. 298.

¹³ Leuenberger Konkordie (1973), n.º. 45. (Versão em português extraída de <https://www.luteranos.com.br/textos/concordia-de-leuenberg>).

¹⁴ Cf. apenas, a título de exemplo, a série em cinco volumes “Reformation heute” (Leipzig, 2013-2017), que tratou, no contexto europeu, de fundamentos e efeitos da Reforma e, ao fazer isso, refletiu sobre os temas formação, Estado, individualidade, meios de comunicação e imagens do ser humano.



de Lutero) só podem ser discutidos adequadamente se forem percebidos de maneira nuançada sobre o respectivo pano de fundo teológico¹⁵ e social.

2) Ao mesmo tempo, o “luteranismo” desempenha um papel efetivamente perceptível em nível mundial. A Federação Luterana Mundial, fundada em 1947, abarca atualmente 148 igrejas-membro em 99 países com um total de cerca de 75,5 milhões de pessoas cristãs¹⁶. Em 2019, a FLM deu início a um processo de estudo de três anos chamado “Being Lutheran” [Ser Luterano/Luterana], que trata da questão das identidades luteranas (formulada deliberadamente no plural)¹⁷. Neste caso, a razão da pergunta a respeito da identidade não é o desaparecimento da identidade confessional, e sim, antes, a percepção de uma ampla pluralidade global em face de contextos nacionais, culturais e sociais diversos. O que guia o processo é a questão de como a “tradição luterana” se expressa nesses contextos e do que significa essa percepção da multiplicidade para o futuro: “[...] queremos discernir formas pelas quais expressamos criativamente a lei e o evangelho, fé e obras, natureza e graça, justificação e santificação, liberdade e vocação – marcas de nossa herança luterana comum.”¹⁸

Para isso, a FLM realizou uma enquete em todas as igrejas-membro sob o título “Global Survey on Being Lutheran” [Levantamento Gobal sobre Ser Luterano/Luterana]¹⁹. Nela, o “luteranismo” foi parcialmente definido por aspectos dogmáticos (“lei e evangelho”; a respectiva afirmação é “eu entendo a lei e o evangelho”) e parcialmente por práticas (com que frequência se lê a Bíblia ou o Catecismo Menor, com que frequência se frequentam cultos ou se recebe a santa ceia, com que frequência se fala na própria igreja sobre a Confissão de Augsburgo ou o Livro de Concórdia, com que frequência as pessoas pensam sobre seu batismo?). Além disso, o questionário se concentrou – de modo à primeira vista surpreendente – na atuação do Espírito Santo e na questão dos dons espirituais (“spiritual gifts”). Isso corresponde, por um lado, à orientação temática

¹⁵ Cf., a título de exemplo, AXT-PISCALAR, Chr.; OHLEMACHER, A. (ed.). *Die lutherischen Duale: Gesetz und Evangelium, Glaube und Werke, Alter und Neuer Bund, Verheißung und Erfüllung*, im Auftrag der Bischofskonferenz der VELKD. Leipzig, 2021.

¹⁶ Quanto a essas informações, cf. <https://de.lutheranworld.org/>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹⁷ Cf. basicamente <https://www.lutheranworld.org/content/lutheran-identities-study-process>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ A enquete foi e é acompanhada pelo incentivo à realização de diálogos em grupos sobre “Ser Luterano/Luterana” e uma série de webinars sobre o tema. Cf. entretences também FITSCHEN, K.; GROCHOWINA, N.; SCHUEGRAF, O. (ed.). *Lutherische Identität: Kulturelle Prägung und reformatorisches Erbe*. Gütersloh, 2023.



da consulta realizada pela FLM em 2019 em Adis Abeba, que se encontrou sob o tema “We believe in the Holy Spirit. Global Perspectives on Lutheran Identities” [Cremos no Espírito Santo. Perspectivas Globais sobre Identidades Luteranas] e que marca o ponto de partida do processo de estudo²⁰. Por outro lado, com o tema “Espírito” se aponta para um contexto da discussão que tem grande importância para o luteranismo mundial: a necessidade de definir a relação com as igrejas pentecostais e neopentecostais (que estão crescendo)²¹. Oficialmente, contudo, a FLM não menciona o desafio que se coloca com isso para muitas igrejas-membro, mas escreve o seguinte:

O objetivo geral do Processo de Estudo sobre a Identidade Luterana consiste em analisar a espiritualidade luterana contemporânea e reafirmar a forma como o Espírito Santo atua através do ministério da igreja para nos formar, reavivar e equipar para viver nossas vocações fiéis nos próximos 500 anos da comunhão luterana.²²

Sempre que se pergunta a respeito da identidade, isso significa que ela não é mais evidente por si mesma. Nesse sentido, processos de uma busca explícita da identidade sempre são também um fenômeno de crise²³; por outro lado, porém, um “processo de estudo” significa também que aquilo que se busca é produzido (ou em todo caso pode ser produzido) de novo *por meio* do processo.

Justamente levando em conta a discussão – esboçada sucintamente – no contexto da língua alemã, em que a questão da identidade luterana é percebida, em parte, como medida meramente relacionada à política eclesial por parte de uma “Igreja Evangélica Luterana Unificada” que se encontra na defensiva, o processo mundial referente à identidade luterana nos parece significativo em ao menos quatro sentidos: 1) O objetivo de um processo identitário luterano não pode ser definir de modo tão claro quanto possível uma espécie de “essência do luteranismo” que pudesse

²⁰ THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. Lutheran Identity Process: Phase I, Full Report and Lessons Learned. Geneva, 2020. Disponível em: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/2020/documents/2020_dtmj_addis_ababa_lutheran_identity_consultation_a4_en.pdf. Acesso em: 19 ago. 2023.

²¹ É difícil indicar cifras globais de sua disseminação. Pesquisadores e pesquisadoras se referem a cerca de 200 a 600 milhões de pessoas que se dizem pertencentes a igrejas do movimento pentecostal. Deve-se supor que as igrejas pentecostais clássicas representem uma parcela pequena em comparação com as igrejas neopentecostais que crescem rapidamente sobretudo no Sul Global.

²² THE LUTHERAN WORLD FEDERATION, 2020, p. 5.

²³ Cf. DEEG, A. Leben auf der Grenze: Die Externität christlicher Identität und die Sprachgestalt kirchlicher Gottesrede. In: DEEG, A.; HEUSER, S.; MANZESCHKE, A. (ed.). *Identität: Biblische und theologische Erkundungen*. Göttingen, 2007, p. 277-300 (BThS, 30); cf. também EICKELPASCH, R.; RADEMACHER, C. *Identität: Themen der Soziologie*. 4. ed. Bielefeld, 2013, p. 5-14.



ser fixada em proposições ou então fixar conteúdos ou formas luteranas que, então, deveriam ser encontradas em todos os tempos e lugares de igual maneira. Por isso, a Federação Luterana Mundial fala de “identidades” no plural; ao continuarmos falando de identidade no singular, referimo-nos a essa riqueza de facetas em uma perspectiva histórica e global. 2) Por conseguinte, o foco é mais descritivo do que normativo. O que se visa são percepções e descrições mútuas. 3) O olhar está voltado para o futuro – e não ao apego a uma tradição, como quer que esta seja definida. 4) Não se visa um distanciamento, e sim contribuir com elementos próprios para a discurso. Entretanto, isso só é possível se a pergunta a respeito dos “elementos próprios” é ao menos colocada e se há a busca conjunta de uma resposta.

O questionário, com sua concentração efetivamente peculiar em áreas temáticas, textos e na pneumatologia pode, em nossa opinião, ser olhado criticamente, mas a direção tomada pela FLM é a certa. Ao nosso ver, a percepção de práticas, especialmente de práticas litúrgicas, é particularmente útil para a questão da identidade luterana.

A liturgia como prática da identidade

A dimensão ritualista da religião vivida e seu significado para a questão da identidade

A religião vivida se encontra em práticas sociais e individuais, em posturas e atitudes, convicções e valores. Isso continua sendo representado pelo modelo da fenomenologia da religião de Charles Y. Glock, dos anos 1950, que ainda é muito utilizado²⁴. Glock distingue cinco dimensões: a ritualista, a ideológica (confessional), a intelectual, bem como as dimensões da experiência religiosa e das convicções religiosas. Esse modelo foi retomado e modificado em numerosos estudos empíricos²⁵.

Para um estudo que coloca a pergunta a respeito da identidade, a dimensão ritualista parece, em nossa opinião, especialmente significativa²⁶. Dela fazem parte diversas práticas, como, por

²⁴ Cf. GLOCK, C. Y. *Toward a Typology of Religious Orientation*. New York, 1954.

²⁵ Cf. apenas, p. ex., VAILLANCOURT, J.-G. From Five to Ten Dimensions of Religion: Charles Y. Glock's Dimensions of Religiosity Revisited. *Australian Religious Studies Review*, v. 21, p. 58-69, 2008.

²⁶ Quanto a isso, cf. também ANDERSON, E. B. *Worship and Christian Identity: Practicing Ourselves*. Collegeville (Minnesota), 2003. Em seu estudo, o metodista Anderson parte da seguinte suposição: “O culto cristão é um

exemplo, a celebração de cultos. Mencionamos quatro razões pelas quais consideramos a investigação da prática litúrgica particularmente produtiva: 1) Toda forma litúrgica é um processo de negociação explícita ou implícita entre tradição e inovação, entre a referência à origem e a reação a desafios do presente. Isso se aplica de modo especial à questão da liturgia *luterana*, para a qual esse processo de negociação faz parte de suas características particulares desde os primórdios. Assim, para Lutero e a Reforma luterana, a retomada da “forma da missa” era inquestionada. Em CA XXIV, “Da missa” afirma-se o seguinte:

Os nossos são acusados injustamente de terem abolido a missa. Pois é manifesto que, entre nós, a missa – sem querer nos gabar disso – é celebrada com maior devoção e seriedade do que entre os adversários. [...] Assim, não houve modificação perceptível nem nas cerimônias públicas da missa, a não ser o fato de que, em alguns lugares, passou-se a cantar em alemão para instruir e exercitar o povo com isso, sobretudo porque a finalidade principal de todas as cerimônias é que o povo aprenda com elas o que ele precisa saber de Cristo.

Aqui os dois elementos ficam claros: a retomada da tradição e a renovação reformatória, que deveria levar a uma participação mais séria e que acentua a dimensão pedagógica redescoberta (e, como se pode dizer em retrospecto, efetivamente unilateral) do culto público²⁷.

2) Os cultos públicos aparecem como forma representativa da prática religiosa. Nos últimos anos, isso tem sido repetidamente questionado em face da diminuição do número de participantes nos cultos dominicais. Principalmente a pandemia do coronavírus e a atenção da mídia ao cancelamento de “cultos presenciais” no primeiro *lockdown* na época da Paixão de 2020 e à discussão em torno da possibilidade de cultos presenciais no Natal de 2020 mostraram, contudo, que e como os cultos continuam sendo percebidos como forma representativa da prática cristã na sociedade. Eles são lugares em que a religião se mostra publicamente.

3) A partir da perspectiva intraevangélica se coloca, adicionalmente, como argumento decididamente teológico, a noção de que a eclesiologia evangélica parte da igreja como “creatura verbi” [criatura da palavra] que vive continuamente da Palavra e do Sacramento. Por isso é plausível

conjunto de práticas em que pessoas e instituições são formadas de maneira intencional e não intencional em compreensões específicas de si mesmas e da Igreja” (p. 29).

²⁷ Quanto à problemática da concentração litúrgica luterana na dimensão da doutrina, cf. DEEG, A. *Das äußere Wort und seine liturgische Gestalt: Überlegungen zu einer evangelischen Fundamentalliturgik*. Göttingen, 2012, p. 91-95. (APTLH, 68).



atentar especialmente para o ato em que essa constituição sempre nova da igreja acontece primordialmente²⁸.

4) Não se deve negligenciar um aspecto pragmático de pesquisa: as práticas litúrgicas são (relativamente) fáceis de perceber e descrever.

Identidade litúrgica luterana – movimentos de busca atuais

No contexto da língua alemã, a elaboração e introdução do prontuário “Evangelisches Gottesdienstbuch” (1999) acarretou a dificuldade de que é impossível apontar para um prontuário para definir a identidade litúrgica luterana – como era, em todo caso intencionalmente, a ideia do prontuário da década de 1950. Na introdução do Livro de Culto Evangélico se afirma o seguinte: “Ele reúne as tradições de cunho luterano, unido e reformado dos Prontuários I das duas igrejas (de 1955 e 1959) e os substitui. Revela a riqueza dessas tradições reformatórias históricas para a vida de culto das comunidades evangélicas na atualidade.”²⁹ Nas palavras de Klaus Raschzok, “A identidade não é [...] mais definida confessionalmente, e sim mediante referência à Reforma.”³⁰

Em janeiro de 2014 foi publicado, na série “Texte aus der VELKD”, um documento com teses redigido por Christine Axt-Piscalar, Klaus Raschzok e Alexander Deeg sobre o tema “Identidade litúrgica evangélica luterana”³¹. Na Apresentação, o então bispo dirigente da Igreja Evangélica Luterana Unificada [VELKD, na sigla em alemão], Gerhard Ulrich, também reconhece que, em face dos discursos atuais em torno do culto, essa questão parece “secundária”. Mas Ulrich é de opinião que “no trabalho com prontuários ela se coloca inevitavelmente, pois os prontuários têm uma função eclesial”³².

²⁸ Cf. DEEG, A. Kirche aus dem Wort: Ekklesiologische Implikationen für eine Theologie des Gottesdienstes aus lutherischer Sicht. In: JEGGLE-MERZ, B.; KRANEMANN, B. (ed.). *Liturgie und Konfession: Grundfragen der Liturgiewissenschaft im interkonfessionellen Gespräch*. Freiburg et al., 2013, p. 180-196.

²⁹ EGb, Einführung, p. 13.

³⁰ RASCHZOK, K. *Lutherische liturgische Identität: Zur Phänomenologie des liturgisch-räumlichen Erlebens*. Leipzig, 2020, p. 34.

³¹ *Evangelisch-lutherische liturgische Identität*. jan. 2014. (Texte aus der VELKD, 169).

³² *Ibid.*, p. 1. Quanto a essa questão, cf. também o Artigo 5º da Constituição da Igreja Evangélica Luterana Unificada, que reza: “A Igreja Unificada se dá ordens para o culto, particularmente o prontuário e o hinário, que visam promover a coesão na Igreja Unificada. As igrejas-membro devem introduzir essas ordens para sua área.”

Em consonância com isso, o documento constata que a questão da identidade litúrgica luterana é necessária,

para que não se monte conceitualmente um bicho-papão “do luteranismo” atrás do qual nada se esconda, mas tampouco se afirme simplesmente, esquecendo-se da tradição, que não haveria mais o “luteranismo” *in liturgicis* [em questões litúrgicas] só porque, entretantes, a riqueza de variantes do culto segundo o prontuário se sobrepôs às formas básicas originais ou porque o tipo de culto de cunho luterano adquiriu um caráter orientador muito além das igrejas territoriais evangélicas luteranas [...].³³

Na sequência se apresentam, então, três “abordagens” que descrevem o fenômeno da identidade litúrgica evangélica luterana. 1) Uma primeira abordagem examina a interação de formas de culto e confissão luterana, ou seja, reflete sobre o entrelaçamento e a coexistência da *lex orandi* [lei pela qual se deve orar] e da *lex credendi* [lei pela qual se deve crer]. Neste sentido, são principalmente “a acentuação do caráter externo da autodoação de Jesus Cristo” na santa ceia e a “autopresentificação de Jesus Cristo para a salvação das pessoas crentes” na Palavra que, na perspectiva luterana, têm significado normativo para todas as formas litúrgicas³⁴. 2) A segunda abordagem acentua a “tradição de continuidade da prática luterana do culto”³⁵. A percepção básica de que a fé é, “em sua prática vivida, [...] um acontecimento criativo a partir da tradição”³⁶, já seria do conhecimento de Lutero e teria levado a reformas litúrgicas um tanto hesitantes. A continuidade de tradição³⁷ descreveria a ligação da “prática atual do culto luterano com a tradição de culto da igreja”, que, entretanto, poderia ser descrita em formas sempre novas e de modo algum “na mera repristinação de formas históricas de culto”³⁸. Como características são mencionadas, entre outras, a valorização da forma da missa com seu caráter dramático nos dois pontos altos da prédica e da santa ceia, a importância do ano da igreja e da ordem de leituras bíblicas, a ação conjunta de diversos portadores e portadoras de papéis. Em termos negativos, porém, a continuidade de tradição

³³ Ibid., p. 4.

³⁴ Ibid., p. 5.

³⁵ Ibid., p. 6-9.

³⁶ Ibid., p. 6.

³⁷ Esse conceito foi colocado em discussão por Klaus Raschzok em 2009; cf. RASCHZOK, K. Die notwendige Fortsetzung des agendarischen Erneuerungsprozesses: Ergebnisse einer Ausschussarbeit. In: MEYER-BLANCK, M.; RASCHZOK, K.; SCHWIER, H. (ed.). *Gottesdienst feiern: Zur Zukunft der Agendenarbeit in den evangelischen Kirchen*. Gütersloh, 2009, p. 9-25; RASCHZOK, K. Traditionskontinuierlicher Gottesdienst: Eine terminologische Neuschöpfung und ihre Begründung. *Quatember*, v. 77, p. 205-213, 2013. Esse texto está reproduzido em RASCHZOK, 2020, p. 95-102.

³⁸ *Evangelisch-lutherische liturgische Identität*, 2014, p. 7.

também significaria que nem a vontade das pessoas responsáveis pelo culto nem, unilateralmente, as expectativas – supostas ou factuais – das pessoas que celebram o culto o definiriam³⁹.

3) Na terceira abordagem se lança um olhar fenomenológico aos cultos e se constata de início o seguinte:

No diálogo das confissões, o que se contrapõe não são, em cada caso, identidades definidas substancialmente, e sim formas mistas compostas de elementos surgidos historicamente, elementos definíveis em termos ideais, elementos inconscientemente importantes e elementos com características pessoais. Isso constitui a dificuldade e o atrativo de um trabalho litúrgico que não negue a *confessionalidade* como dimensão supostamente ultrapassada, mas a coloque deliberada e reflexivamente em jogo.⁴⁰

Na sequência se define o aspecto especificamente luterano com a fórmula “a Palavra externa em forma corporal”⁴¹. No século XVI, a doutrina luterana do culto se voltou contra a posição “entusiasta” dos “espiritualistas”, por um lado, e contra a posição romana, por outro. Contra os “entusiastas” se acentuou a corporeidade necessária: Deus age “conosco por meio da palavra oral do evangelho e por meio de sinais corpóreos”⁴². Contra toda institucionalização da veiculação da salvação de maneira eclesiástico-hierárquica ou material-substancial se valorizou a externalidade da palavra, que nunca se pode “ter”, mas sempre só pode ser esperada em, com e sob os atos externos.

Para o aprofundamento dialógico de características confessionais, o documento enfoca o espaço dialógico do luteranismo mundial⁴³. Ao mesmo tempo, entretanto, também está claro que, por causa da necessidade do diálogo, se precisa de um trabalho litúrgico luterano próprio no âmbito da língua alemã.

As reflexões desse documento foram aprofundadas, nos anos passados, principalmente por Klaus Raschzok, docente aposentado de Teologia Prática em Neuendettelsau. O volume *Lutherische liturgische Identität*, publicado em 2020, reúne contribuições de Raschzok que destacam com maior precisão o conceito de continuidade de tradição. O autor afirma, fundamentalmente, que “a cultura do culto de cunho luterano precisa de tradições culturais e eclesiásticas e, ao mesmo tempo, deve se abrir de maneira digna de crédito para as transformações do presente”⁴⁴.

³⁹ Ibid., p. 8.

⁴⁰ Ibid., p. 10.

⁴¹ Ibid., p. 13.

⁴² WA 18, 136.

⁴³ *Evangelisch-lutherische liturgische Identität*, 2014, p. 17.

⁴⁴ RASCHZOK, 2020, p. 51.



O conceito de “atmosfera do culto”, que Raschzok introduz e em que ele situa primordialmente a identidade litúrgica luterana, parece particularmente estimulante⁴⁵. Com isso, ele retoma – sem aprofundar – um conceito-chave da fenomenologia mais recente⁴⁶ e acentua a perceptibilidade da dimensão luterana. Em diversos ensaios Raschzok reflete sobre espaços litúrgicos⁴⁷, descreve *vasa sacra*⁴⁸ [vasilhames sacros] e vestimentas litúrgicas⁴⁹, bem como paramentos⁵⁰ – e mostra, com base em exemplos, para o que se pode apontar quando se buscam identidades litúrgicas por meio da fenomenologia.

O esboço de um prontuário de batismo da Igreja Evangélica Luterana Unificada e da União de Igrejas Evangélicas (2019) e a problemática da produção de uma prática luterana

No discurso litúrgico evangélico do âmbito da língua alemã existe um exemplo dos últimos anos que reflete de modo especial a problemática da busca de identidade na esfera litúrgica. Ao trabalho em um novo Prontuário de Batismo se sobrepuseram questões de política eclesiástica a respeito do significado de diferenciações confessionais intraprotestantes (e a respeito do futuro e da relevância de associações confessionais das igrejas-membro, especialmente da Igreja Evangélica Luterana Unificada [VELKD]). A dinâmica da vontade de “unificação” dos elementos evangélicos, por um lado, produziu e ainda produz a dinâmica contrária do destaque dos “elementos próprios”, por outro.

O Prontuário de Batismo da VELKD atualmente em vigor é do ano de 1988. Em face de numerosos desdobramentos novos (tendência de deslocamento da idade de batismo para trás; popularidade de batismos em outros locais e, p. ex., de festas de batismo; redescoberta de símbolos tradicionais, etc.), uma revisão se fazia urgente. No âmbito da Igreja Unida, o “Livro de Batismo”

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Cf. BÖHME, G. *Atmosphäre*: Essays zur neueren Ästhetik. Berlin, 2013; SCHMITZ, H. *Atmosphären*. Freiburg, 2016.

⁴⁷ Cf. RASCHZOK, Das Konzept heiliger Räume aus evangelisch-lutherischer Sicht – veranschaulicht in der Nürnberger St. Sebalduskirche. In: RASCHZOK, 2020, p. 249-277.

⁴⁸ Cf. RASCHZOK, Sehen und Berühren: Die Vasa Sacra der Nürnberger St. Lorenzkirche. In: *ibid.*, p. 297-306.

⁴⁹ Cf. RASCHZOK, In-vestition – Liturgische Gewänder im evangelischen Gottesdienst. In: *ibid.*, p. 307-314; Textiler „Klassiker“: 200 Jahre Talar mit Beffchen als Identitätssymbol des Protestantismus. In: *ibid.*, p. 315-332.

⁵⁰ Cf. RASCHZOK, Im „Dunkel der Unwissenheit“: Die Anfänge des lutherischen Paramentenwesens bei Wilhelm Löhe und dem Niedersächsischen Paramentenverein. In: *ibid.*, p. 343-361.



fora publicado no ano 2000, o que tornava uma nova edição menos urgente⁵¹. Assim, a Comissão de Liturgia da VELKD deu início ao trabalho em um novo Prontuário de Batismo, e a Comissão da União de Igrejas Evangélicas [UEK, na sigla em alemão] foi inicialmente apenas informada sobre os desdobramentos.

Ao mesmo tempo, porém, ficou claro, o mais tardar desde o Livro de Culto Evangélico, que o trabalho com prontuários no contexto da língua alemã só pode ter êxito se ele associar constantemente as comissões de liturgia separadas da UEK e da VELKD no trabalho conjunto. Assim, após discussões até certo ponto veementes, também o trabalho no Prontuário de Batismo continuou sendo feito em conjunto e em 2019 foi apresentado um esboço para testes⁵². Na introdução se afirma que o esboço apresentado pretende “dar [...] expressão atual às respectivas identidades litúrgicas confessionais” e, ao mesmo tempo, “dar [...] tentativas de respostas nuançadas às mudanças surgidas na prática do batismo nos últimos anos”⁵³.

O esboço oferece duas formas de batismo, elaboradas individualmente nas respectivas comissões. Assim, há uma Forma I (da VELKD) e uma Forma II (da UEK), cuja diferença é definida da seguinte maneira na introdução: “Enquanto que a Forma I de caráter luterano (da VELKD) parte mais acentuadamente de um ‘entrelaçamento’ (Ernst Lange) mútuo entre mundo da vida e tradição litúrgica no ato ritual, a Forma II (da UEK) acentua mais o aspecto da ação de mediação situacional na comunidade reunida atualmente e apresenta o batismo mais acentuadamente como proclamação às pessoas que o celebram.”⁵⁴ Formulando de modo um tanto unilateral, poder-se-ia dizer que a VELKD define o batismo primordialmente como ato ritual e a UEK, como proclamação. Mais adiante é dito que “a Forma I se entende como contribuição para uma apropriação subjetiva e vivencial dos símbolos da igreja”⁵⁵. Acentua-se a “força da linguagem bíblica” bem como “a estranheza elementar e o excedente de significado da tradição eclesial”⁵⁶. Neste sentido, é especialmente marcante a tentativa de entender o batismo como caminho para

⁵¹ *Taufbuch*: Agende für die Evangelische Kirche der Union. Bd. 2, im Auftrag des Rates hg. von der Kirchenkanzlei der Evangelischen Kirche der Union. Berlin/Bielefeld, 2000.

⁵² *Die Taufe*: Entwurf zur Erprobung. Taufbuch für die Union Evangelischer Kirchen in der EKD. Agende III, Teilband 1 der VELKD für evangelisch-lutherische Kirchen und Gemeinden. Kirchenamt der EKD. Hannover, 2019.

⁵³ *Ibid.*, p. 8.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 9.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 17.

⁵⁶ *Ibid.*



dentro do espaço da igreja, um caminho pela igreja como expressão da ligação do “caminho de Cristo e caminho da própria vida”⁵⁷. A Forma I “busca capacidade de conexão com o mundo da vida por meio de uma vivência intensiva da ação, e menos por meio de uma veiculação explicativa”⁵⁸. Ao mesmo tempo, encontra-se uma orientação pelo livrinho do batismo (1523/24) de Martim Lutero, que, como parte dos escritos confessionais, tem especial relevância para igrejas luteranas. A Forma I contém, entre outras coisas, uma oração no local do batismo que retoma a chamada “oração do dilúvio” de Martim Lutero e uma bênção batismal após o batismo, que é formulada “retomando o livrinho de batismo de Martim Lutero”⁵⁹.

As reações ao esboço para teste mostraram o fracasso desse esboço – e, junto com ele, o fracasso da *criação* de um prontuário de batismo luterano especificamente confessional. Foi principalmente a divisão das duas formas básicas entre as confissões que não conseguiu ser convincente. No posicionamento de uma igreja territorial se afirma o seguinte: “Em vez de, p. ex., colocar lado a lado diversas formas linguísticas e oferecer, dependendo do caso, alternativas teológico-hermenêuticas, aqui há um apego a uma alternativa superada entre VELKD e UEK que, fora de comissões, não tem relevância na execução prática.”⁶⁰ Só houve anuência à Forma I como forma litúrgica básica para igrejas luteranas por parte de três igrejas territoriais, que também criticaram a linguagem e a consideração insuficiente de mudanças sociais. “O presente esboço não faz a integração da tradição litúrgica luterana e da unida que seria necessária para isso [sc. para um prontuário unificado], mas meramente as adiciona uma ao lado da outra.”⁶¹ Pode-se constatar que a definição de formulários litúrgicos a serem distinguidos segundo a confissão não foi convincente no cenário evangélico atual de língua alemã – em todo caso, não da forma como foi tentando na liturgia do batismo.

O olhar para fora e a partir de fora e o caminho para uma percepção bifocal ou multifocal de identidades litúrgicas luteranas

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ Ibid., p. 19.

⁶⁰ Isso é afirmado no parecer de uma igreja territorial de grande parte sobre o prontuário de batismo.

⁶¹ Isso é dito no parecer de outra igreja territorial.

Justamente levando em conta o processo – inicialmente fracassado – a caminho de um novo prontuário de batismo, parece ser útil e fazer sentido propor uma nova abordagem sobre essa questão. Buscamos essa nova abordagem considerando as situações em dois contextos diferentes. Justamente na situação polarizada em termos de política eclesial que existe no âmbito da língua alemã, supomos que lançar um olhar “para fora” e olhar a questão “a partir de fora” seria proveitoso. Neste sentido, uma perspectiva teuto-brasileira parece particularmente promissora: as liturgias evangélicas no século XIX no Brasil foram, inicialmente, “produtos de exportação” de liturgias alemãs de proveniência luterana e unida, levadas ao Brasil pelos imigrantes alemães – mais precisamente, das liturgias bávara e prussiana (cf. seção 3 infra). Parece-nos estimulante observar as transformações delas na Alemanha e na América Latina para perceber o papel desempenhado por contextos diferentes e verificar se ou como o “luteranismo” se mostra em cada caso⁶².

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e suas liturgias

O Brasil é tido como o país mais religioso da América Latina, o que constitui uma diferença enorme para com a situação cada vez mais secular reinante na Alemanha. Cerca de 90% das pessoas no Brasil se dizem vinculadas a uma religião (ou a várias!); menos de 1% da população brasileira declaram *não* acreditar em Deus ou em um ser superior⁶³. Em 1891, o catolicismo ainda era a única religião oficial; no censo de 2010, apenas 64,6% da população declaravam pertencer à Igreja Católica Romana (em 1970, ainda eram 90%)⁶⁴. O que aumentou principalmente foi o número de “evangélicos”, como se declararam 22,2% em 2010; dentre estes, por sua vez, 60% se declararam pentecostais e 18,5% “evangélicos históricos”, dos quais fazem parte luteranos, presbiterianos ou batistas. A Igreja Evangélica da Confissão Luterana no Brasil (IECLB) tem cerca de 700 mil integrantes, sobretudo no sul do país – o que corresponde a cerca de 0,3% do total da população

⁶² Nesse sentido, deve-se levar em consideração, ao mesmo tempo, que nos 200 anos passados desde o início da imigração alemã no Brasil houve um intercâmbio constante entre igrejas evangélicas luteranas de língua alemã e a Igreja Evangélica do Confissão Luterana no Brasil.

⁶³ Cf. BARTH, A.; BOBSIN, O.; SINNER, R. von. Mobilidade religiosa no Brasil: conversão ou trânsito religioso? In: REBLIN, I. A.; SINNER, R. von. (ed.). *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo, 2012, p. 231-268.

⁶⁴ Quanto a esses dados estatísticos e aos demais, cf. <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935420.001.0001/oxfordhb-9780199935420-e-50>. Acesso em: 02 fev. 2021.



brasileira. Portanto, a IECLB é uma igreja minoritária entre uma Igreja Católica ainda forte e um número crescente de igrejas (neo)pentecostais⁶⁵.

Nessa situação, há algumas décadas se percebe uma nova acentuação do “luteranismo” na autopercepção e autodescrição de integrantes da IECLB. Pessoas que pertencem a essa igreja estão se designando, cada vez mais, como “luteranas” e não como “evangélicas” para se distanciar do grande grupo dos “pentecostais” entre os “evangélicos”. Isso também tem relevância política tendo em vista a influência sociopolítica de alguns “pentecostais” no Brasil, perceptível, recentemente, no contexto da pandemia do coronavírus e na ação do então presidente Jair Bolsonaro. Assim, de modo bem diferente do contexto de língua alemã, “ser luterano” está adquirindo mais importância atualmente para algumas pessoas que pertencem à IECLB, sendo que, em contraposição a isso, a maioria da população brasileira não tem conhecimento das igrejas luteranas existentes no país. Não por acaso, a página dessa igreja na internet é www.luteranos.com.br. O principal jornal da igreja se chamou, durante anos, de *Jornal Evangélico*, mas desde o final da década de 1990 ele tem o título *Jornal Evangélico Luterano*⁶⁶.

A questão da identidade no Brasil também se encontra, no presente, diante de um outro desafio porque é marcada pela rememoração dos 200 anos da imigração alemã o país⁶⁷. Em maio e julho de 1824, chegaram os primeiros grupos de imigrantes alemães ao Brasil, seguidos de numerosos outros em diversas ondas ao longo do século XIX⁶⁸. Mais raramente trouxeram seus próprios pastores (luteranos, unidos ou reformados), mas, via de regra, em todo caso suas Bíblias, seus hinários e livros de oração ou, ocasionalmente, também seus prontuários litúrgicos para o

⁶⁵ Cf. BRAKEMEIER, G. “Somos igreja! Que igreja devemos ser?” Exigências eclesiológicas luteranas no contexto brasileiro. In: WACHHOLZ, W. (ed.). *Igreja e ministério: perspectivas evangélico-luteranas*. São Leopoldo, 2009, p. 95-105.

⁶⁶ Cf. ZIMMER, M. A. *Assimilação e organização religiosa: como as igrejas étnicas lidam com a assimilação estrutural de seus membros*. Blumenau, 2014, p. 93ss. Recentemente, contudo, o termo “luterano” vem adquirindo uma outra conotação no contexto eclesial brasileiro e é empregado, dentro da IECLB, por grupos conservadores que estão se distanciando de tendências mais “liberais”. Isso pode ser observado, por exemplo, entre os “Herdeiros de Worms” (que têm um site: <https://www.herdeirosdeworms.com/quem-somos-nos>; acesso em: 21 jul. 2021), mas também na “Aliança Luterana” (cf. <https://www.facebook.com/aliancaluterana/>; acesso em: 21 jul. 2021).

⁶⁷ Cf. HOFFMANN, M.; BEROS, D. C.; MOONEY, R. (ed.). *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo, 2017.

⁶⁸ Quanto à história da IECLB, cf. PRIEN, H.-J. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo e Petrópolis, 2001; DÖBRICH, W. *190 Jahre Kirche gestalten: Gemeinde, Ämter und Dienste in der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien*. Erlangen, 2015, especialmente p. 12-315.

Brasil⁶⁹. Ali se desenvolveu, em muitos lugares, um “pastorado leigo”, “que era responsável pela pregação e ministração dos sacramentos, bem como pelos ‘ofícios casuais’”⁷⁰. Ao mesmo tempo, a fé era mantida viva nos lares, onde, dependendo da característica das famílias de imigrantes, a leitura da Bíblia, devoções domésticas, etc. eram costumeiras. A língua nessas comunidades de dupla minoria (religiosa e nacional) continuou sendo a alemã ao longo de muitas décadas, o que se aplica especialmente à língua usada nos cultos⁷¹. A partir da década de 1860, foram enviados missionários da Alemanha para o Brasil⁷², e aos poucos foram fundados sínodos regionais próprios⁷³. Em face da enorme pobreza de muitos imigrantes e dos múltiplos problemas organizacionais, a questão dos prontuários ou formulários litúrgicos vigentes teve sempre certa importância, mas um tanto marginal, nas discussões desses sínodos. No século XX, o desenvolvimento dos sínodos se deu em estreita conexão com a política e a política eclesiástica na Alemanha, e sobretudo as duas guerras mundiais tiveram uma influência maciça sobre as comunidades teuto-brasileiras (o que se mostra, por exemplo, na proibição da língua alemã na 2ª Guerra Mundial). Na década de 1950 se constituiu uma Federação Sinodal, da qual se derivou a “Igreja Evangélica da Confissão Luterana no Brasil”⁷⁴, cuja ordem constitucional foi definida em 1968⁷⁵ e que significou, factualmente, uma união com base em uma orientação luterana fundamental⁷⁶.

⁶⁹ Nas primeiras quatro décadas de imigração alemã para o Brasil, cerca de 20 pastores vieram junto com os imigrantes; cf. DÖBRICH, 2015, p. 17.

⁷⁰ Cf. *ibid.*, p. 14, 21s., 30s.

⁷¹ A questão complexa de identidade étnica e construções de germanidade é examinada por Daniel Lenski com base na Igreja Evangélica Alemã no Chile: LENSKI, D. „*Die Kirche unserer Väter*“: Deutschtumskonstruktionen in der Chile-Synode und der Deutschen Evangelischen Kirche in Chile. Göttingen, 2021 (Arbeiten zur Kirchlichen Zeitgeschichte, Reihe B., 80); quanto à ligação da identidade evangélica brasileira com a identidade étnica alemã, cf. DÖBRICH, 2015, p. 93ss.

⁷² Cf. DÖBRICH, 2015, p. 33-36.

⁷³ Principalmente na virada do século XIX para o XX houve disputas confessionais intraevangélicas acirradas entre comunidades unidas, orientadas pela Prússia, e seus pastores e as comunidades que se definiam como decididamente luteranas e cujos pastores foram enviados, por exemplo, de Neuendettelsau ou Hermannsburg; cf. *ibid.*, p. 64-68.

⁷⁴ Cf. *ibid.*, p. 228s.

⁷⁵ Cf. *ibid.*, 233-235.

⁷⁶ Cf. *ibid.*, p. 312; as confrontações confessionais, especialmente o “fogo intermitente” vindo da Baviera, contra uma união ampla demais mediante relegação da confissão luterana, são expostas detalhadamente em *ibid.*, p. 248-261. Quanto ao acordo entre a Igreja Evangélica na Alemanha (EKD) e a Federação Sinodal brasileira em 1955, cf. WELLNITZ, B. *Deutsche evangelische Gemeinden im Ausland: Ihre Entstehungsgeschichte und die Entwicklung ihrer Rechtsbeziehungen zur Evangelischen Kirche in Deutschland*. Tübingen, 2003, p. 273-283.



Os imigrantes levaram, no século XIX, sobretudo *dois* prontuários para o Brasil e os usaram nos cultos ao longo das décadas seguintes: o prontuário bávaro⁷⁷ (luterano) e o prussiano⁷⁸ (unido). Ao longo do século XX, não se introduziu, em nível da “igreja toda”, um prontuário novo, mas os ministros e as ministras usaram os prontuários tradicionais ou, em grau crescente, também traduções para o português ou então criaram seus próprios formulários para o culto. Não raro, a identidade litúrgica era associada com formas que, legitimamente ou não – eram entendidas como provenientes da “velha Alemanha” e, por isso, como particularmente “válidas”: por exemplo, hinos, o talar ou o emprego da língua alemã na liturgia (ou em partes dela).

No ano 2000 – após trabalho de pesquisa de vários anos – foi definida pela primeira vez uma ordem do culto da IECLB, publicada em 2003 no *Livro de Culto*⁷⁹. Essa liturgia se alimenta, por um lado, da tradição de prontuários da liturgia bávara e prussiana e, por outro, da renovação litúrgica ecumênica que se manifesta especialmente na chamada Liturgia de Lima (1982) e nos trabalhos litúrgicos da Federação Luterana Mundial⁸⁰. As três liturgias (a prussiana, a bávara e a nova “oficial” da IECLB) são colocadas, em sua estrutura, lado a lado no *Livro de Culto*, de modo que fica claro, em poucas páginas, onde se encontram os principais pontos comuns, mas também mudanças⁸¹. Em sua Apresentação, o então Pastor Presidente Walter Altmann escreve: “Sentia-se a necessidade de entender e de promover a liturgia como impulsionadora da unidade da Igreja a partir da sua confessionalidade.”⁸²

O processo de renovação litúrgica durou mais ou menos uma década. Ele começou nos anos 1990 com um aprofundamento da formação litúrgica na Faculdades EST em São Leopoldo e com uma pesquisa litúrgica aprofundada, que se ocupou com a questão da base confessional de uma liturgia evangélica luterana, mas também com desdobramentos litúrgicos ecumênicos. Na sequência, a discussão foi travada em nível de comunidade, principalmente pela formação de equipes litúrgicas nas comunidades que refletiam sobre a moldagem da liturgia. Em nível institucional, particularmente por meio do Conselho de Liturgia da IECLB, foi instituído um

⁷⁷ Cf. *Prontuário do Culto Evangélico-Luterano (Handreichung für den Gottesdienst)*. 3. ed., Vitória, 1981.

⁷⁸ Cf. *Manual do Culto*. São Leopoldo, 1964.

⁷⁹ Cf. *Livro de Culto*. Ed. R. R. Martini. São Leopoldo, 2003.

⁸⁰ Cf. KIRST, N. Renovação litúrgica. *Tear – Liturgia em Revista*, v. 24, p. 5-16, 2007; ADAM, J. C. Liturgical formation, Liberation Theology and Latin American culture: A study about the changes in liturgical formation in the context of the Evangelical Lutheran Church in Brazil. *Studia Liturgica*, v. 47, n. 1, p. 1-13, 2017.

⁸¹ Cf. *Livro de Culto*, p. 17-20.

⁸² *Ibid.*, p. 6.



Fórum de Liturgia (em 1999) com representantes dos sínodos nomeados pelo Conselho da IECLB⁸³. Esse processo de discussão e experimentação levou à formulação do Livro de Culto e sua aprovação pelo Conselho da Igreja no ano 2000. A discussão em torno da liturgia não estava interessada apenas na conservação de uma determinada identidade litúrgica tradicional, mas também na articulação de uma identidade litúrgica evangélica luterana em consonância com a identidade contextual e ecumênica como parte dos esforços da IECLB para se tornar uma igreja *mais brasileira*. Onde a nova liturgia foi introduzida, isto é, onde as pastoras e os pastores introduziram o Livro de Culto de modo litúrgica e didaticamente reflexivo, não houve resistência a ele nas comunidades. Alguns pastores e algumas pastoras, porém, manifestaram uma certa reserva para com a nova liturgia, não porque quisessem necessariamente conservar uma identidade litúrgica *tradicional*, mas porque queriam manter a identidade litúrgica *atual* de sua respectiva comunidade⁸⁴.

Louis Marcelo Illenseer faz a seguinte observação sobre a introdução da nova liturgia:

Em uma igreja com essa diversidade teológica [...] a dificuldade consiste em que nem toda comunidade da IECLB gostaria de assumir essa nova ordem do culto como oficial e definitiva? [...] Nos últimos 20 anos, ouvi dizer muitas vezes que a “nova liturgia” da IECLB parece uma missa católica. Também ouvi falar de membros de comunidade que não gostariam de celebrar a santa ceia mais do que quatro vezes ao ano. Outros falavam de uma “liturgia imposta”.⁸⁵

Particularmente pela introdução da nova liturgia a nas reações a ela se torna clara a questão a respeito de onde a identidade litúrgica se reflete de modo especial. Neste sentido, no Brasil a diferença orientadora para com a Igreja Católica, que é dominante, (sempre) parece (ainda) um fator importante para a percepção da dimensão evangélica ou luterana. Sobretudo nas reflexões de Illenseer se mostra também a lógica do distanciamento para com os “pentecostais”. Quanto à questão da música no culto, ele tem uma visão crítica das comunidades da IECLB que substituem hinos antigos de origem alemã “por traduções de hinos da América do Norte” e fala, nesse contexto, de “colonialismo litúrgico” ou do perigo do surgimento de uma “liturgia do tipo Coca-

⁸³ Ibid., p. 7ss.

⁸⁴ ADAM, 2017.

⁸⁵ ILLENSEER, L. M. Liturgie in der IECLB: Vielfalt in der Einheit oder Einheit in der Vielfalt der IECLB? In: MISSIONEINWELT (ed.). *Brasilien: Das Land, seine Geschichte und die Evangelische Kirche Lutherischen Bekenntnisses*. Neuendettelsau, 2021, p. 65-67 (65). [Disponível em: https://mission-einewelt.de/wp-content/uploads/2021/05/brasilienheft_2021_web.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.



Cola”⁸⁶. Propõe, em vez disso, uma “inculturação litúrgica” que leve a sério o contexto brasileiro (e se distinga justamente com isso de certos “evangelicais” ou neopentecostais)⁸⁷.

Em comparação com a situação da Alemanha, principalmente quatro aspectos se tornam, *grosso modo*, claros: 1) As identidades litúrgicas luteranas provêm, no Brasil e na Alemanha, de raízes comparáveis – a tradição de prontuários do século XIX. 2) Atualmente, as duas se encontram diante de desafios da definição da identidade confessional ao mesmo tempo que assumem irrestritamente a importância do ecumenismo. 3) No âmbito da língua alemã, a situação se caracteriza, por um lado, por uma secularização crescente e, por outro, pela lógica de um protestantismo pós-confessional. 4) No contexto brasileiro, a tensão parece residir primordialmente entre o catolicismo e os demais *evangélicos*.

Essa constelação nos parece tão desafiadora quanto promissora para continuar investigando, em um projeto conjunto de consulta e pesquisa, a questão das identidades confessionais e sua transformação em uma perspectiva litúrgica.

Duas posições extremas sobre a identidade confessional em uma perspectiva litúrgica

Conservação da tradição e dinâmica de transformação

Esquemmatizando *grosso modo*, poderia haver duas respostas diametralmente opostas para a questão da identidade litúrgica luterana confessional, a que aludimos com os termos *conservação da tradição* e *dinâmica de transformação*.

1) “O luteranismo” apareceria, em um caso, como uma identidade histórica determinável e palpável, e o recurso à identidade confessional luterana, por conseguinte, como um modo de conservação da tradição. Neste caso, a resposta à questão da identidade seria buscada, de maneira essencializante, de tal maneira que conteúdos ou práticas determinados e determináveis seriam definidos como “luteranos” na medida em que possam ser atribuídos, em uma linha tão direta quanto possível, ao próprio Lutero ou ao início do século XVI.

⁸⁶ Ibid., p. 66.

⁸⁷ Ibid.

No âmbito da língua alemã, esse caminho histórico-tradicionista poderia ser percebido, com o maior grau de probabilidade, no historicismo do século XIX e no surgimento do chamado neoluteranismo. Mas até os dias de hoje se pode perceber essa linha de resposta em que “o luteranismo” parece ser uma determinada forma de conservação da tradição e, nesse sentido, as igrejas luteranas se tornam – usando uma formulação polêmica – uma espécie de “associação cultural” dedicada ao cultivo do acervo de tradições históricas.

Essa forma de definição de identidade luterana estava mais presente em partes da IECLB onde se identificava uma determinada espécie de “germanidade” com a confessionalidade luterana. Comunidades luteranas obtiveram sua identidade simbólica e ritual mediante recurso às comunidades de imigrantes. Padrões comparáveis de fundamentação ainda continuam existindo, mas se encontram em retração, o que se deve ao simples fato de que há algumas décadas um número cada vez menor de cultos em língua alemã vem sendo celebrado.

2) “O luteranismo” poderia ser entendido, de modo bem diferente, como dinâmica teológica de mudança constante, como dinâmica básica de transformação – ou, usando uma formulação mais tradicional e fazendo referência à liturgia: a liturgia luterana apareceria necessariamente (!) como *liturgia sempre reformanda* [liturgia a ser sempre reformada]. Como se sabe, Martim Lutero fez questão de não fundamentar, por exemplo, uma nova doutrina que pudesse ser vinculada ao seu nome, e sim de fundamentar a igreja na palavra da Bíblia e em uma prática de celebração do culto correspondente a essa palavra, da qual fazem parte principalmente a pregação e a santa ceia. Ele acentuou o seguinte:

Em primeiro lugar, peço omitir meu nome e não se chamar de luterano, mas cristão. Que é Lutero? A doutrina não é minha. Tampouco fui crucificado em favor de alguém. [...] Que pretensão seria essa de um miserável e fedorento saco de vermes como eu se quisesse que os filhos de Cristo fossem chamados por seu desastrado nome? Que não seja assim, amigo. Vamos extirpar as siglas partidárias e nos chamar de cristãos, de quem temos a doutrina.⁸⁸

Por causa da necessidade de uma reafirmação constante na palavra da Bíblia, a compreensão de fé de Lutero se caracteriza por uma dinâmica fundamental:

⁸⁸ LUTHER, M. Eyn trew vormanung Martini Luther tzu allen Christen, sich tzu vorhuten fur auffruhr unnd emporung. WA 8, 676-687 (684). [Versão em português: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*: Volume 6: Ética. São Leopoldo / Porto Alegre, 1996, p. 481].



Ser cristão não consiste em ter se tornado, mas em se tornar, pois Cristo diz a ele: Peçam, procurem, batam à porta: não está escrito: Vocês têm, vocês encontraram, vocês entraram, e sim peçam, procurem, batam à porta! Por isso, quem é cristão não é cristão, ou seja, quem acha que já se tornou cristão, não é nada, pois ainda é preciso ainda tornar-se cristão. Pois nós visamos ao céu, mas ainda não estamos no céu. E assim como nunca vai para o céu a pessoa que acha que já está dentro dele, do mesmo modo, inversamente, já está no céu a pessoa que visa a ele, pois Deus a considera como se ela já estivesse dentro dele. [...] Ai de quem já está inteiramente renovado, isto é, acha que já está, pois nessa pessoa a renovação, sem dúvida, sequer começou e ela nunca experimentou o que significa ser cristão.⁸⁹

A liturgia luterana foi, desde o início, um fenômeno plural – e essa foi também a intenção do próprio Lutero. Para além do distanciamento para com a teologia e prática litúrgica romanas (missa como sacrifício; compreensão de ministério, etc.) e para com uma teologia “espiritualista” (imediatidade não mediada no contexto dos chamados “entusiastas” ou da “ala esquerda” da Reforma), a diversidade litúrgica era possível e desejada. Como se sabe, o próprio Lutero, em seu prefácio à “Missa Alemã” (1526) meramente insistiu que em uma área específica e limitada haja uma liturgia unitária para que as pessoas possam celebrar em conjunto tanto em um quanto em outro local. De resto, porém, não se deveria, “pelo amor de Deus”, fazer da “Missa alemã” por ele proposta “uma lei necessária [...]”⁹⁰.

Em termos de tipos ideais, as formas aqui apresentadas de uma definição tradicionalista ou dinâmica da identidade litúrgica podem ser mantidas separadas, mas um breve retrospecto sobre os desdobramentos na Alemanha no século XIX nos leva a perceber o entrelaçamento e a coexistência complexa dessas duas dimensões.

O vétero ou neoluteranismo do século XIX no contexto do desenvolvimento do prontuário – mais do que mera conservação da tradição

Também no neoluteranismo do século XIX havia muito mais em jogo, em termos litúrgicos, do que apenas um conservadorismo orientado pela tradição. O passo decisivo na direção de uma

⁸⁹ M. Lutero sobre Mt 13.45s., cit. ap. MÜHLHAUPT, E. (ed.). *D. Martin Luthers Evangelienauslegungen*: Bd. 2: Das Matthäusevangelium (Matthäus 3–25). 4. ed. Göttingen, 1973, p. 488; WA 38,568,37–569,9: “Christianus enim non est in facto, sed in fieri” (WA 38,568,37) – citação extraída das *Annotationes in aliquot capita Matthaei*, 1536.

⁹⁰ LUTHER, M. *Deutsche Messe und Ordnung des Gottesdienstes*, cit. ap. MEYER-BLANCK, M. *Liturgie und Liturgik*: Der Evangelische Gottesdienst aus Quellentexten erklärt. 2. ed. Göttingen, 2009, p. 45. – Entretanto, seria possível levantar a pergunta crítica acerca de como Martim Lutero pensaria atualmente – em face da mobilidade cada vez maior – sobre a necessidade/oportunidade de uma liturgia comum* em um espaço social.

nova busca do “elemento confessional” *in liturgicis* foi, como se sabe, a tentativa do rei Frederico Guilherme III (1770-1840) de resolver a questão confessional intraevangélica. O fato de seu projeto de união ter fracassado e de, em vez de apenas *uma* confissão evangélica, terem surgido efetivamente *três* faz parte da ironia de sua política religiosa e se deve – ao menos também, e talvez até primordialmente – às consequências litúrgicas (o que mostra, mais uma vez, que as liturgias são lugares particularmente sensíveis para as questões relativas à identidade)⁹¹. O próprio Frederico Guilherme III apresentou, em 1822, seu prontuário intitulado “Kirchenagende für die Hof- und Domkirche zu Berlin” e, sete anos mais tarde (1829), o prontuário para uma igreja prussiana unida intitulado “Preußische Unionsagende”. Depois, em 1834, todos os prontuários provinciais luteranos foram proibidos na Prússia. O rei desencadeou uma disputa em torno do prontuário e recolocou em pauta a questão da identidade litúrgica luterana há muito esquecida. Ao mesmo tempo, estabeleceu as balizas para uma tradição nova de prontuário unido cujo efeito se mostrou, por exemplo, no prontuário prussiano de 1895.

Nesse contexto surgiu a chamada “Igreja Véteroluterana”, em cujas comunidades a referência ao chamado “Prontuário de Wittenberg” adquiriu grande importância em muitos lugares⁹². Havia o desejo de conservar esse prontuário, pois, segundo a convicção de muitas pessoas, ele remontaria diretamente a Lutero. Em parte, seu título continha o acréscimo “Prontuário de Wittenberg redigido pelo próprio Lutero”⁹³. Contudo, já em meados do século XIX foi-se obrigado a admitir que essa designação é historicamente insustentável e que, na melhor das hipóteses, há um nexo em termos de tradição, mas nenhuma autoria direta do reformador.

Em 1836, Johann Gottfried Scheibel publicou seu livro “Luthers Agende und die neue Preußische” [O prontuário de Lutero e o novo prontuário prussiano]⁹⁴, em que ele debate

⁹¹ Detalhes em MEYER-BLANCK, M. Freiheit der Mitteilung und Darstellung: Das Verhältnis von liturgischer und kirchlicher Ordnung anhand der Entstehung der preußischen Agenden von 1822 und 1895. In: MEYER-BLANCK, M. *Agenda: Zur Theorie liturgischen Handelns*. Tübingen, 2013, p. 15-54. (Praktische Theologie in Geschichte und Gegenwart, 13).

⁹² Quanto ao que se segue, cf. BARNBROCK, Chr. Liturgie als Ausdruck kirchlicher Identität: Entwicklung und Gebrauch der Agenden im 19. Jahrhundert. Im Raum der (entstehenden) altlutherischen Kirche. In: KAMPMANN, J.; KLÄN, W. (ed.), *Preußische Union, lutherisches Bekenntnis und kirchliche Prägungen: Theologische Ortsbestimmungen im Ringen um Anspruch und Reichweite konfessioneller Bestimmtheit der Kirche*. Göttingen, 2014, p. 132-157. (Oberurseler Hefte Ergänzungsbande, 14).

⁹³ *Ibid.*, p. 136.

⁹⁴ Cf. SCHEIBEL, J. G. *Luthers Agende und die neue Preußische: Genaue Vergleichung Beider nebst ausführlichen Eroerterungen der Geschichte der lutherischen Agenden in Deutschland und der Wittenberger Concordie von*

criticamente o interesse do rei de querer ordenar o proutuário por conta própria. Frederico Guilherme III tinha escrito, entre outras coisas: “Foi proposta a opinião de que cada comunidade eclesial, até mesmo na menor das aldeias, teria o direito legal de ordenar sua liturgia por conta própria; mas, ao fazer isso, levou-se em conta em que mãos é colocada a questão sagrada e venerável [...]?”⁹⁵ Scheibel se volta decididamente contra essa pretensão do rei:

Os pobres cidadãos e agricultores luteranos na Silésia de fato não são majestades, excelências, nobres e bem nascidos, mas aprouve ao rei de todos os reis e senhor de todos os senhores, já há 18 séculos, fazer de um pequeno número de pescadores e auxiliares de pescadores até mesmo seus colegas teocráticos especiais, naquela época na terra, e agora no céu, em seu próprio trono divino [...].⁹⁶

A remissão à história da origem da igreja, ao Novo Testamento e à ação de Jesus se converte em argumento para uma prática de resistência à política (relativa ao proutuário) do rei.

É interessante que, no livro de Scheibel, um outro ponto contra o proutuário do rei seja salientado: a execução – nele basicamente planejada – do canto comunitário por um coro. Do ponto de vista histórico, só é parcialmente correto supor – como Christoph Barnbrock observa com razão – que no século XVI o canto comunitário *nos cultos* tivesse um papel destacado – em todo caso não nas cidades (o que nada diz sobre a importância dos corais fora dos cultos). No contexto urbano, também naquela época, o coro ou a *schola* [conjunto de canto coral formado por docentes e alunos] era responsável principalmente pela execução da liturgia. Nas aldeias, por outro lado, muitas vezes era a própria comunidade que cantava (porque não havia coro). Neste ponto, o proutuário do rei de fato visava trazer uma mudança e o canto deveria, também no interior, ser feito por corais e, assim, “profissionalizado”. Scheibel entende isso como incapacitação da comunidade – e leva em conta, com isso, um princípio teológico da Reforma (sacerdócio de todas as pessoas crentes) concretamente em uma questão litúrgica controversa⁹⁷.

Isso mostra que o apego de muitas comunidades ao Proutuário de Wittenberg era bem mais do que um mero tradicionalismo luterano. Era também um ato de resistência em termos de política

1536, als Pruefung der Schrift „Luther in Beziehung auf die evangelische Kirchenagende in der königl.-preuß. Lande, 2. Aufl. Berlin 1834“. Leipzig, 1836.

⁹⁵ Cit. ap. BARNBROCK, 2014, p. 145.

⁹⁶ SCHEIBEL, 1836, p. 57.

⁹⁷ O próprio Lutero acentuou a importância do sacerdócio de todas as pessoas crentes na concretização litúrgica; cf. sua descrição de uma “missa ideal” mediante recurso a imagens do Apocalipse no escrito “Von der Winkelmesse und Pfaffenweihe”, de 1533; quanto a essa questão, veja RASCHZOK, 2020, p. 103; mas cf. também a prédica de Lutero – muito citada – em face da consagração da igreja do castelo de Torgau em 1544.



eclesiástica e uma continuação de linhas teológicas da Reforma. Por isso, seria um erro acusar o neo ou véteroluteranismo de mera insistência em uma tradição (historicamente recuperada). A aproximação para com o passado aconteceu, isto sim – e jamais pode ser outra forma –, no contexto de desafios atuais. Não se pode dizer que a manutenção do Prontuário de Wittenberg ou os novos prontuários (como, por exemplo, “Agende für christliche Gemeinden des lutherischen Bekenntnisses”, de Wilhelm Löhe, de 1844) teriam significado apenas uma conservação da tradição e, em última análise, uma musealização. O próprio Löhe formulou, em 1859, que “nem sempre se presta um serviço à própria época com a mera tradição luterana; não devemos descansar sobre os louros do passado; continuar construindo sobre o fundamento antigo, seguir em frente no caminho certo, isso é piedade autenticamente luterana”⁹⁸.

Em todo caso, ao olhar para o século XIX se mostra (mais uma vez) que e como supostas “ninharias” (que nunca existem em questões litúrgicas!) se tornam decisivas e definem identidades. Nesse sentido, a discussão em torno do “Prontuário de Wittenberg” deixa claro o modo como tradições se desenvolvem em face de desafios do respectivo presente, como elas são descobertas e construídas (inventadas), e em parte também desconstruídas. Até mesmo levando em conta o neoluteranismo do século XIX, muitas vezes percebido de maneira muito unilateral no tocante à liturgia, dever-se-ia falar, com Michael Meyer-Blanck, mais de tradicional do que de tradicionalista, pois “o tradicional se relaciona com a tradição não de modo tradicionalista, e sim criativo [...]”⁹⁹. E: “Tradicional é [...] o repetir forte e deliberado, o jogo com a tradição e o aproveitar os pontos fortes dela.”¹⁰⁰

Transformações do luteranismo – quatro teses à guisa de conclusão

Resumimos o exposto até aqui em quatro teses:

⁹⁸ LÖHE, W. *Die Kirche in der Anbetung*: Teilband 1: Agende für christliche Gemeinden des lutherischen Bekenntnisses. Neuendettelsau, 1953, p. 359 (do prefácio do prontuário “Liturgische Handlungen”, de Löhe, do ano de 1859).

⁹⁹ MEYER-BLANCK, M. *Bibel und Predigt aus homiletischer Sicht*. In: DEEG, A.; NICOL, M. (ed.). *Bibelwort und Kanzelsprache*: Homiletik und Hermeneutik im Dialog. Leipzig, 2010, p. 31-46 (44).

¹⁰⁰ Ibid.

1) A questão da identidade litúrgica luterana não está liquidada, mas é imprescindível levando em conta o desenvolvimento histórico, uma compreensão do presente e o futuro do culto evangélico. – Contra a suposta evidência do pós-confessionalismo é preciso registrar que é imprescindível colocar a questão do desenvolvimento de liturgias evangélicas também como questão da determinação confessional intraprotestante, mas também para a moldagem futura do culto. Ao mesmo tempo, ficou claro que a questão “do” luteranismo não deve ser respondida de tal maneira que um cânone material determinado, formulável em frases proposicionais ou até a fixação em determinadas formas de celebração constituiria “o” luteranismo. Modificando um pouco uma famosa citação extraída da tese de docência universitária de Bonhoeffer, seria possível dizer que não existe uma identidade litúrgica luterana que exista. Por conseguinte, não se pode visar uma identidade afirmada, e sim apenas uma inquirição sempre nova da identidade nas práticas litúrgicas. Ao mesmo tempo, ficou claro, pelas poucas alusões à situação na Alemanha e no Brasil bem como ao desenvolvimento ocorrido no século XIX, que as identidades litúrgicas só podem, evidentemente, ser um elemento de construções complexas de identidades individuais e sociais.

2) *As identidades litúrgicas luteranas nunca podem ser descritas de outra maneira do que como transformações do luteranismo.* – Não havia e não há “o” luteranismo como “essência” a ser definida independentemente do tempo, e sim somente em uma dinâmica de transformação constante desde seus primórdios. Isto é, por um lado, uma proposição descritiva (cf. a tese 3) que, por outro, também pode ser formulada normativamente (tese 4). O termo *transformação* é empregado por Klaus Raschzok, por exemplo, em relação ao próprio Lutero, que, em sua liturgia da missa, procederia a “uma transformação reformatória dessa forma fundamental de celebração do culto”¹⁰¹. O que caracteriza a transformação luterana não é a reinvenção radical (caso haja, afinal, “o novo” nessa hipertrofia!¹⁰²), e sim o trabalho em formas já existentes, o prolongamento e a purificação, a continuidade e a interrupção deliberada. Com isso, o termo *transformação*, como o entendemos aqui, encontra-se entre o trabalho ativo nos elementos da tradição¹⁰³ e a percepção de dinâmicas de

¹⁰¹ RASCHZOK, 2020, p. 105.

¹⁰² Quanto a uma acentuação problemático “do novo”, cf. DEEG, A.; LEHNERT, Chr. *Wir glauben das Neue: Zur Einführung.* In: DEEG, A.; LEHNERT, Chr. (ed.). *„Wir glauben das Neue“: Liturgie und Liturgiewissenschaft unter dem Einfluss der völkischen Bewegung.* Leipzig, 2014, p. 9-15. (Beiträge zu Liturgie und Spiritualität, 27).

¹⁰³ Primordialmente por causa dessa dimensão ativa, o termo está adquirindo cada vez mais importância no contexto da teoria da igreja e em contextos do desenvolvimento eclesial e comunitário. Isso é representado, a título de exemplo, pela disciplina “Estudos sobre Transformação para a Teologia Pública e o Serviço Social” na Escola Superior da Associação Cristã de Moços de Kassel e pela série “Estudos Interdisciplinares sobre Transformação”;

mudança que ocorrem, se dão de modo emergente¹⁰⁴ e só podem, na melhor das hipóteses, ser determinadas *a posteriori*.

3) *Descritivamente, é preciso perceber o luteranismo em suas transformações.* – O projeto de pesquisa teuto-brasileiro por nós iniciado tem como objetivo definir mais precisamente o que Michael Meyer-Blanck chama de “o tradicional” e o que Klaus Raschzok descreve como “continuidade de tradição” – isto é, as dinâmicas que mostram a identidade litúrgica luterana em seus processos de transformação constante. Neste sentido, parece-nos útil um design de projeto que inter-relaciona cinco níveis: a) as discussões explícitas sobre identidades litúrgicas luteranas em nível nacional e internacional; b) a descrição tão precisa quanto possível dos contextos e desafios em que essas discussões são travadas; c) a averiguação das regras em vigor para a moldagem do culto na VELKD e na IECLB; d) a exploração de lógicas da participação no culto através de entrevistas com grupos de membros de comunidades; e) a percepção de práticas exemplares de celebração litúrgica com o método da observação participante, atentando para os atores, o espaço, a interação social, etc.¹⁰⁵

4) *Normativamente, a partir desse fundamento se torna possível definir o luteranismo como dinâmica de transformação determinada em termos de conteúdo.* – Do ponto de vista puramente formal, os cultos luteranos são um acontecimento em constante mudança a partir da tradição – e, neste sentido, tradicionais ou em continuidade com a tradição. Com base na avaliação de nossa pesquisa comparada internacional, parece-nos perspectivamente possível mencionar aspectos referentes ao conteúdo que constituem a identidade litúrgica luterana e que as igrejas luteranas podem introduzir em discussões litúrgicas ecumênicas. Neste sentido, o que deve ser decisivo é o caráter de dádiva que tem todo o acontecimento litúrgico. Os cultos vivem do agir preveniente de Deus e se envolvem com ele. Trata-se sempre – como na famosa fórmula de Torgau de Lutero – de uma interação catabático-anabática, da palavra de Deus e da resposta humana. Esse “axioma” da celebração luterana pode ser exposto em diversas perspectivas: no pressuposto de que há cultos que sejam celebrados e não precisem ser reinventados domingo após domingo, feriado após

cf. FAIX, T.; KÜNKLER, T. (ed.). *Handbuch Transformation: Ein Schlüssel zum Wandel von Kirche und Gesellschaft*. Neukirchen-Vluyn, 2021. (Interdisziplinäre Studien zur Transformation, 1).

¹⁰⁴ O conceito “emergência” foi introduzido de maneira convincente sobretudo por Berndt Hamm no tocante à história da Reforma: HAMM, B. Die Emergenz der Reformation. In: HAMM, B.; WELKER, Michael. *Die Reformation: Potentiale der Freiheit*. Tübingen, 2008, p. 1-27.

¹⁰⁵ Quanto ao significado dessa metodologia praxeológica para a ciência litúrgica, cf. DEEG, A.; PLÜSS, D. *Liturgik: Lehrbuch Praktische Theologie 5*. Gütersloh, 2021, p. 30s.

feriado; que a sempre renovada leitura e interpretação de palavras bíblicas tem a promessa de que a palavra de Deus se torne audível de novo em, com e sob essas palavras humanas; que nos sacramentos a promessa de Deus adquire forma corpórea; que não são pastoras e pastores ou outras pessoas “responsáveis” pela liturgia que “fazem” a liturgia, e sim que o sujeito da liturgia é a comunidade reunida, que se vivencia repetidamente na celebração do culto como o corpo de Cristo e a assembleia de sacerdotes que ela há muito tempo já é; que, com base no prae [anterioridade] divino, a atitude litúrgica humana se caracteriza por serenidade e os cultos não precisam “efetuar” nada e justamente assim produzem efeito¹⁰⁶. Com esses e outros aspectos, as igrejas e teologias luteranas poderão dar uma contribuição substancial para o diálogo ecumênico sobre o culto¹⁰⁷, mas também para a discussão na sociedade.

Observamos por fim, em um piscar de olhos, que nosso projeto de pesquisa já tem, com suas videoconferências, visitas mútuas para pesquisa e percepção conjunta do campo e com este artigo tentativo e exploratório, uma dimensão pragmática: os próprios discursos identitários têm, na medida em que são feitos, um efeito criador de identidade. Ao se falar sobre identidade(s), ela(s) sempre também é(são) produzida(s).

Referências

- ADAM, J. C. Liturgical formation, Liberation Theology and Latin American culture: A study about the changes in liturgical formation in the context of the Evangelical Lutheran Church in Brazil. *Studia Liturgica*, v. 47, n. 1, p. 1-13, 2017.
- ANDERSON, E. B. *Worship and Christian Identity: Practicing Ourselves*. Collegetown (Minnesota), 2003.

¹⁰⁶ Justamente em tempos nos quais a celebração de cultos também precisa se justificar em termos econômicos (é justificável que pastores e pastoras invistam tanto tempo na celebração de cultos que, em parte, não são particularmente bem frequentados?), parece necessário tirar constantemente a celebração de cultos da categoria de “obra” e entendê-la na categoria de “dádiva”. Isso não dispensa da responsabilidade pelo emprego bem direcionado de recursos eclesiais e não torna supérflua a discussão sobre estruturas eclesiais e regionalização – mas coloca tudo isso sob uma premissa basicamente distinta.

¹⁰⁷ Cf. o documento, já citado acima, com as teses da VELKD que acentua justamente a importância ecumênica dos cultos luteranos. Segundo ele, a tradição litúrgica luterana representa, dentro de todas as liturgias evangélicas, particularmente a conexão com a tradição da missa católica romana e significa, por conseguinte, uma “posição intermediária” à qual cabem “o serviço e a oportunidade específicos de manter aberto e promover o diálogo e intercâmbio enriquecedor entre as tradições litúrgicas” (*Evangelisch-lutherische liturgische Identität*, 2014, p. 11).



- AXT-PISCALAR, Christine; RASCHZOK, Klaus; Deeg, Alexander. *Evangelisch-lutherische liturgische Identität*. 2014. Texte aus der VELKD, 169.
- AXT-PISCALAR, Chr.; OHLEMACHER, A. (ed.). *Die lutherischen Duale: Gesetz und Evangelium, Glaube und Werke, Alter und Neuer Bund, Verheißung und Erfüllung*, im Auftrag der Bischofskonferenz der VELKD. Leipzig, 2021.
- BARNBROCK, Chr. Liturgie als Ausdruck kirchlicher Identität: Entwicklung und Gebrauch der Agenden im 19. Jahrhundert. Im Raum der (entstehenden) altlutherischen Kirche. In: KAMPMANN, J.; KLÄN, W. (ed.). *Preußische Union, lutherisches Bekenntnis und kirchliche Prägungen: Theologische Ortsbestimmungen im Ringen um Anspruch und Reichweite konfessioneller Bestimmtheit der Kirche*. Göttingen, 2014. p. 132-157. (Oberurseler Hefte Ergänzungsbände, 14).
- BARTH, A.; BOBSIN, O.; SINNER, R. von. Mobilidade religiosa no Brasil: conversão ou trânsito religioso? In: REBLIN, I. A.; SINNER, R. von. (ed.). *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo, 2012. p. 231-268.
- BÖHME, G. *Atmosphäre: Essays zur neueren Ästhetik*. Berlin, 2013.
- BRAKEMEIER, G. “Somos igreja! Que igreja devemos ser?” Exigências eclesiológicas luteranas no contexto brasileiro. In: WACHHOLZ, W. (ed.). *Igreja e ministério: perspectivas evangélico-luteranas*. São Leopoldo, 2009. p. 95-105.
- DEEG, A. Leben auf der Grenze: Die Externität christlicher Identität und die Sprachgestalt kirchlicher Gottesrede. In: DEEG, A.; HEUSER, S.; MANZESCHKE, A. (ed.). *Identität: Biblische und theologische Erkundungen*. Göttingen, 2007. p. 277-300. (BThS, 30).
- DEEG, A. *Das äußere Wort und seine liturgische Gestalt: Überlegungen zu einer evangelischen Fundamentalliturgik*. Göttingen, 2012. (APTLH, 68).
- DEEG, A. Kirche aus dem Wort: Ekklesiologische Implikationen für eine Theologie des Gottesdienstes aus lutherischer Sicht. In: JEGGLE-MERZ, B.; KRANEMANN, B. (ed.). *Liturgie und Konfession: Grundfragen der Liturgiewissenschaft im interkonfessionellen Gespräch*. Freiburg et al., 2013. p. 180-196.
- DEEG, A.; LEHNERT, Chr. Wir glauben das Neue: Zur Einführung. In: DEEG, A.; LEHNERT, Chr. (ed.). *„Wir glauben das Neue“: Liturgie und Liturgiewissenschaft unter dem Einfluss der völkischen Bewegung*. Leipzig, 2014. p. 9-15. (Beiträge zu Liturgie und Spiritualität, 27).
- DEEG, A.; PLÜSS, D. *Liturgik: Lehrbuch Praktische Theologie 5*. Gütersloh, 2021.



DIE TAUFGE: Entwurf zur Erprobung. Taufbuch für die Union Evangelischer Kirchen in der EKD. Agende III, Teilband 1 der VELKD für evangelisch-lutherische Kirchen und Gemeinden. Kirchenamt der EKD. Hannover, 2019.

DÖBRICH, W. *190 Jahre Kirche gestalten: Gemeinde, Ämter und Dienste in der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien*. Erlangen, 2015.

DOMSGEN, M. Zwischen einem „Mia san mia“-Gefühl und der Ahnung von der Nacktheit des Kaisers: Irritationen und Perspektiven kirchlicher Arbeit heute. PTh, v. 108, p. 287-311, 2019.

EICKELPASCH, R.; RADEMACHER, C. *Identität: Themen der Soziologie*. 4. ed. Bielefeld, 2013.

FAIX, T.; KÜNKLER, T. (ed.). *Handbuch Transformation: Ein Schlüssel zum Wandel von Kirche und Gesellschaft*. Neukirchen-Vluyn, 2021. (Interdisziplinäre Studien zur Transformation, 1).

FITSCHEN, K.; GROCHOWINA, N.; SCHUEGRAF, O. (ed.). *Lutherische Identität: Kulturelle Prägung und reformatorisches Erbe*. Gütersloh, 2023.

GLOCK, C. Y. *Toward a Typology of Religious Orientation*. New York, 1954.

HAMM, B. Die Emergenz der Reformation. In: HAMM, B.; WELKER, Michael. *Die Reformation: Potentiale der Freiheit*. Tübingen, 2008. p. 1-27.

HINAUS ins Weite – Kirche auf gutem Grund: Zwölf Leitsätze zur Zukunft einer aufgeschlossenen Kirche, mit Beschluss der zwölften Synode der Evangelischen Kirche in Deutschland auf ihrer siebten Tagung am 9. November 2020. Disponível em: https://www.ekd.de/ekd_de/ds_doc/zwoelf_leitsaetze_zukunft_kirche_ES_2021.pdf. Acesso em: 15 maio 2021.

HOFFMANN, M.; BEROS, D. C.; MOONEY, R. (ed.). *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo, 2017.

ILLENSEER, L. M. Liturgia in der IECLB: Vielfalt in der Einheit oder Einheit in der Vielfalt der IECLB? In: MISSIONEINWELT (ed.). *Brasilien: Das Land, seine Geschichte und die Evangelische Kirche Lutherischen Bekenntnisses*. Neuendettelsau, 2021. p. 65-67. Disponível em: https://mission-einewelt.de/wp-content/uploads/2021/05/brasilienneft_2021_web.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.

KIRST, N. Renovação litúrgica. *Tear – Liturgia em Revista*, v. 24, p. 5-16, 2007.



- LENSKI, D. „*Die Kirche unserer Väter*“: Deutschtumskonstruktionen in der Chile-Synode und der Deutschen Evangelischen Kirche in Chile. Göttingen, 2021. (Arbeiten zur Kirchlichen Zeitgeschichte, Reihe B., 80).
- LIVRO de Culto. Ed. Rubem R. Martini. São Leopoldo, 2003.
- LÖHE, W. *Die Kirche in der Anbetung*: Teilband 1: Agenda für christliche Gemeinden des lutherischen Bekenntnisses. Neuendettelsau, 1953.
- LUTHER, M. Eyn trew vormanung Martini Luther tzu allen Christen, sich tzu vorhuten fur auffruhr unnd emporung. In: WA, v. 8, p. 676-687.
- MANUAL do Culto. São Leopoldo, 1964.
- MEYER-BLANCK, M. *Liturgie und Liturgik*: Der Evangelische Gottesdienst aus Quellentexten erklärt. 2. ed. Göttingen, 2009.
- MEYER-BLANCK, M. Bibel und Predigt aus homiletischer Sicht. In: DEEG, A.; NICOL, M. (ed.). *Bibelwort und Kanzelsprache*: Homiletik und Hermeneutik im Dialog. Leipzig, 2010. p. 31-46.
- MEYER-BLANCK, M. Freiheit der Mitteilung und Darstellung: Das Verhältnis von liturgischer und kirchlicher Ordnung anhand der Entstehung der preußischen Agenden von 1822 und 1895. In: MEYER-BLANCK, M. *Agenda: Zur Theorie liturgischen Handelns*. Tübingen, 2013. p. 15-54. (Praktische Theologie in Geschichte und Gegenwart, 13).
- MÜHLHAUPT, E. (ed.). *D. Martin Luthers Evangelienauslegungen*: Bd. 2: Das Matthäusevangelium (Matthäus 3–25). 4. ed. Göttingen, 1973.
- MÜLLER, O.; PICKEL, G.; POLLACK, D. Kirchlichkeit und Religiosität in Ostdeutschland: Muster, Trends, Bestimmungsgründe. In: DOMSGEN, M. (ed.). *Konfessionslos – eine religionspädagogische Herausforderung*: Studien am Beispiel Ostdeutschlands. Leipzig, 2005. p. 23-64.
- PRIEN, H.-J. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil*: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo e Petrópolis, 2001.
- PRONTUÁRIO do Culto Evangélico-Luterano (Handreichung für den Gottesdienst). 3. ed., Vitória, 1981.
- RASCHZOK, K. Die notwendige Fortsetzung des agendarischen Erneuerungsprozesses: Ergebnisse einer Ausschussarbeit. In: MEYER-BLANCK, M.; RASCHZOK, K.; SCHWIER, H. (ed.). *Gottesdienst feiern*: Zur Zukunft der Agendenarbeit in den evangelischen Kirchen. Gütersloh, 2009. p. 9-25.



RASCHZOK, K. Traditionskontinuierlicher Gottesdienst: Eine terminologische Neuschöpfung und ihre Begründung. *Quatember*, v. 77, p. 205-213, 2013.

RASCHZOK, K. *Lutherische liturgische Identität: Zur Phänomenologie des liturgisch-räumlichen Erlebens*. Leipzig, 2020.

SCHEIBEL, J. G. *Luthers Agende und die neue Preußische: Genaue Vergleichung Beider nebst ausführlichen Eroerterungen der Geschichte der lutherischen Agenden in Deutschland und der Wittenberger Concordie von 1536, als Pruefung der Schrift „Luther in Beziehung auf die evangelische Kirchenagende in der königl.-preuß. Lande, 2. Aufl. Berlin 1834“*. Leipzig, 1836.

SCHMITZ, H. *Atmosphären*. Freiburg, 2016.

TAUFBUCH: Agende für die Evangelische Kirche der Union. Bd. 2, im Auftrag des Rates hg. von der Kirchenkanzlei der Evangelischen Kirche der Union. Berlin/Bielefeld, 2000.

THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. Lutheran Identity Process: Phase I, Full Report and Lessons Learned. Geneva, 2020. Disponível em: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/2020/documents/2020_dtmj_addis_ababa_lutheran_identity_consultation_a4_en.pdf. Acesso em: 19 ago. 2023.

VAILLANCOURT, J.-G. From Five to Ten Dimensions of Religion: Charles Y. Glock's Dimensions of Religiosity Revisited. *Australian Religious Studies Review*, v. 21, p. 58-69, 2008.

WELLNITZ, B. *Deutsche evangelische Gemeinden im Ausland: Ihre Entstehungsgeschichte und die Entwicklung ihrer Rechtsbeziehungen zur Evangelischen Kirche in Deutschland*. Tübingen, 2003.

ZIMMER, M. A. *Assimilação e organização religiosa: como as igrejas étnicas lidam com a assimilação estrutural de seus membros*. Blumenau, 2014.